



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Instituto de Relações Internacionais (IRI)

Centro de Ciências Sociais (CCS)

Saudação e Reconstrução: uma análise sobre efeitos neoliberais para coletividades

representadas em *Aquarius* e *Bacurau*

Francisco Rodrigues Veras Junior

Orientador: Paulo H. de O. Chamon

Laboratório de Pesquisa Científica

2020.1

Saudação e Reconstrução: uma análise sobre efeitos neoliberais para coletividades

representadas em *Aquarius* e *Bacurau*

Francisco Rodrigues Veras Junior

Orientador: Paulo H. de O. Chamon

Artigo Científico apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Laboratório de Pesquisa Científica

2020.1

Ao município de Duque de Caxias, à cidade de São Benedito, à favela da Muzema, ao sítio Buriti, ao distrito Inhuçu, à cultura e ao povo pobre brasileiro e, sempre, a Graça e Francisco, meus pais.

## Agradecimentos

Agradecer por aqui não deve ser obrigatório porque é muito difícil decidir entre agradecer a quem foi importante ao longo de anos ou a quem estive nos últimos dias torcendo para esse trabalho ser finalmente escrito. Apesar do dilema, eu não decidi dizer obrigado a pessoas específicas; decidi agradecer a todos(as) os(as) professores, em especial aos (às) do IRI.

Esse agradecimento se justifica principalmente porque me formei em casa enquanto uma pandemia, o cinismo frente à desigualdade social e racial, e o terror político crescem lá fora. No meio de inúmeras questões apocalípticas individuais e coletivas, convivi nesse tempo com professores(as) que viveram parte do novo a-normal comigo, embora com outras intensidades e consequências.

Em tempos a-normais anteriores, o IRI sempre foi um lugar de escuta, então não é que me surpreenda ter sido também compreendido dessa vez. Mesmo assim, não me custa nada agradecer publicamente por esse Instituto muitas vezes priorizar a sanidade e as particularidades de seus(as) alunos(as). Não sei se é tarde demais para reconhecer isso, mas o contexto exige que valorizemos ainda mais quem consegue unir educação e humanidade em um agora que parece perdido.

Portanto, a todos(as) os professores(as) que estão se equilibrando para não deixar que a educação e seus(as) educandos(as) desabem, obrigado! Graças a vocês, tem gente, como eu, mesmo no meio do caos, sendo a primeira pessoa da família da mãe a ter um diploma de Ensino Superior.

E só por desencargo de consciência, no caso de algum(a) de vocês lerem um dia esse trabalho, obrigado também amigas(os), namorado, mãe, pai e irmã. Todo vocês se equilibraram um pouco mais nesse momento para não me deixar desabar. Obrigado por isso e por tudo!

## Resumo

Este artigo tem o objetivo de contrapor as seguintes questões: i) o saudosismo de alguns(as) a uma coletividade antiga prometida e assegurada desde o Estado de bem-estar social até o neoliberalismo, mas que tem sido corrompida justamente pela característica individualista desses fenômenos; e ii) a possibilidade de que esses(as) alguns(as) estejam saudando comunidades que na verdade são excludentes, já que essas não consideram outras relações de dominação e poder que causam a constante necessidade de reconstrução comunitária de outros(as) muitos(as). A primeira questão será analisada com a ajuda do filme *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, focando na relação das personagens de Sônia Braga, Clara, e de Zoraide Coletto, *Ladjane*, com a especulação imobiliária de Recife exibida no filme. Em seguida, o longa *Bacurau* (2019), dos pernambucanos Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, servirá de recurso para a segunda questão onde outras causas estruturais e históricas, além do individualismo, ajudarão a entender as alternativas de sobrevivência em um Brasil distópico.

**Palavras-Chave:** neoliberalismo; individualismo; coletividade; *Aquarius*; *Bacurau*.

## Sumário

1. Introdução.....	6
2. Saudosismo comunitário em <i>Aquarius</i> : passado saudoso, mas excludente.....	8
3. Reconstrução comunitária em <i>Bacurau</i> : individualismo como característica anti-coletivista insuficiente .....	16
4. Considerações Finais .....	21

## 1. Introdução

Os dois últimos filmes de Kleber Mendonça Filho, *Aquarius* (2016) e *Bacurau* (2019), esse último com participação de Juliano Dornelles na direção, marcaram presença nos principais festivais de cinema do mundo<sup>1</sup> e tiveram números importantes de bilheteria<sup>2</sup>. Nesse contexto de fama e aclamação no circuito *cult* mundial cinematográfico, dois pontos em comum chamam atenção na trajetória dos longas: i) ambos os filmes não foram escolhidos para tentarem uma vaga na categoria de “Melhor Filme Internacional” do Oscar, prêmio até hoje inédito para o Brasil; e ii) as duas produções foram lançadas em um momento crítico para a cultura no país, causando considerável inquietação social e política.

No caso de *Aquarius*, muito se especulou que o filme sofreu um boicote do governo do ex-presidente Michel Temer devido ao protesto feito no Festival de Cannes, na França, pelo diretor e por parte do elenco contra o governo e contra o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff (El País, 2016). Já para *Bacurau*, o seu lançamento evidenciou questões estruturais, como racismo, corrupção, colonialismo e desmatamento ambiental, que imediatamente foram comparadas pelo público às políticas e posicionamentos reacionários do atual governo de Jair Bolsonaro (El País, 2019).

À vista disso, os dois filmes evidenciam que produções estéticas, nesse caso audiovisuais, além de fazerem denúncias pertinentes, causam repercussão e

---

<sup>1</sup> *Aquarius* disputou a ‘Palma de Ouro’, principal prêmio do Festival de Cannes e rodou mais de 40 festivais internacionais (El País, 2017), enquanto *Bacurau* é o primeiro filme brasileiro a conquistar o ‘Prêmio do Júri’ no festival francês, o terceiro prêmio mais importante da cerimônia (Huffpost, 2019).

<sup>2</sup> Após apenas 1 mês em cartaz no Brasil, *Bacurau* somou mais de 500 mil espectadores(as) (O Globo, 2019) e *Aquarius*, já no seu ano de estreia, firmou-se como a maior bilheteria do cinema pernambucano – quase R\$ 4 milhões de reais (Diário de Pernambuco, 2016).

inquietação suficientes para nos ajudar a construir análises sobre suas relações não só com os temas retratados de acordo com o seu contexto espacial e temporal, mas também com realidades sociais e políticas contemporâneas que extrapolam o escopo do espaço-tempo. No âmbito da política internacional, por exemplo, produções estéticas são consideradas instrumentos capazes de desenvolver reflexões profundas por meio de uma variedade de recursos teóricos e filosóficos (Steele, 2017, p. 211).

É nesta linha, portanto, que este artigo conta com os recursos, o alvoroço e os desconfortos causados por *Aquarius* e *Bacurau* em certos grupos sociais no Brasil e afora, guiando aqui dois argumentos centrais. Um deles está voltado para o saudosismo a uma ideia de coletividade corrompida pelo individualismo do Estado de bem-estar social e do neoliberalismo e o outro tenta refutar o primeiro, já que contesta a universalidade desse coletivo saudoso e implica com o individualismo como causa contemporânea principal para perdas coletivas.

Nesse sentido, na 1ª seção a personagem Clara, em *Aquarius*, será utilizada como uma possível representante de uma classe média branca e elitista. Apesar de seus ideais progressistas, é notável que a personagem sente falta, e saúda, certamente sem problematizar, o seu coletivo recifense anterior ao que ela vive com a pressão da especulação imobiliária batendo diariamente à sua porta.

Em seguida, a 2ª seção aproveita a ausência de desenvolvimento, em *Aquarius*, da personagem Ladjane, que trabalha na casa de Clara, como um gancho. *Bacurau*, através de um enredo que coloca personagens negligenciados(as) socialmente no centro da trama, é trabalhado aqui na intenção de enxergar a reconstrução de coletivos heterogêneos diante de diferentes relações de dominação



estruturais e históricas para além do individualismo, como o racismo e a colonização.

## 2. Saudosismo comunitário em *Aquarius*: passado saudoso, mas excludente

*“Hey, vem cá que eu quero te mostrar*

*Hey, a minha cidade, o meu lugar*

*Hey, Recife tem um coração*

*Hey, tem muito calor, muita emoção”*

*(Reginaldo Rossi)*<sup>3</sup>

O *EDF. Aquarius* é uma pequena construção residencial localizada à beira-mar recifense onde vive a jornalista e escritora Clara, interpretada por Sônia Braga, e onde trabalha há 19 anos a funcionária do lar<sup>4</sup> Ladjane, personagem de Zoraide Coletto. Clara vive um embate atual direto com a especulação imobiliária em grandes cidades que ameaça à permanência da sua casa, um símbolo que, para ela, representa a memória da sua história familiar.

Servindo de síntese do que pode ser parte do privilégio da classe média brasileira branca, o prédio e o apartamento de Clara simbolizam também comportamentos e padrões nostálgicos analisados no filme como resistentes às mudanças no entorno urbano. Kleber Mendonça, nascido em Recife e que denuncia

---

<sup>3</sup> O nome da música se chama “*Recife minha cidade*” (1984) e está disponível na trilha sonora do filme *Aquarius*.

<sup>4</sup> Escrito e arquivado em 2009, o projeto de lei 4787/2009, de autoria da então Deputada Federal Luciana Costa, propôs a mudar o nome da lei do “Empregado Doméstico” para lei do “Funcionário do Lar” (Câmara dos Deputados, 2009). De acordo com a autora, o objetivo da proposta era de combater o preconceito atrelado ao termo inicial (Costa, 2009). Complementar a isso, Marco Antonio Gonçalves (2015, p.1) entende que o tema ligado à denominação ressalta “(...) a continuidade da exploração nas relações de trabalho doméstico até os dias atuais”, já que pode se relacionar, por exemplo, com a ideia de alguém criado domesticamente, vivendo uma ambiguidade entre pertencer e não pertencer à casa e à família para quem trabalha. Por conta disso, quando necessário, irei utilizar o conceito “funcionária do lar” como alternativa.

no início do filme o surgimento gradual de prédios de luxo na orla da praia de Boa Viagem por meio de fotos em preto e branco, interliga objetos decorativos no apartamento da personagem principal, como discos de vinil e mobiliários da família, à justificativa para o posicionamento de Clara ao enfrentar os representantes de construtoras que ameaçam apagar vestígios de uma Recife menos verticalizada (Soares, 2017).

Nesse contexto, nos termos de Soares (2017, p.121), o sentimento de Clara parece ser mais saudosista do que nostálgico. As atitudes da personagem são atreladas à preferência por um passado onde, por exemplo, se festeja, de frente para o mar, a convivência entre família e vizinhança com um mesmo padrão de vida.

Analisando um pouco mais profundamente, apesar da crítica importante que *Aquarius* faz às transformações nas cidades brasileiras devido à rapidez do mercado imobiliário e o apelo delicado à relevância em se preservar a memória, esse saudosismo pode ser entendido também de outra forma. As justificativas de Clara remetem alguns aspectos mais individuais do que coletivos de uma classe que parece criticar justamente o excesso do individualismo neoliberal, se considerarmos essa característica como uma das principais do neoliberalismo ascendente no século XX, representado no filme pelo interesse, a qualquer custo, de construtoras por lucro.

Para esclarecer teoricamente esse viés, alguns(as) autores(as) entendem que há uma atual crise causada pela quebra de expectativas coletivas gerada pelo capitalismo no que diz respeito à garantia de segurança, trabalho e outras questões aparentemente preservadas pelo Estado de Bem-Estar Social no Ocidente. Conforme Boltanski e Chiapello (2009, p.57) argumentam, essa crise é estrutural e

está preenchida por perplexidade e ceticismo social. Porém, antes disso, é importante entender o conceito de “Novo Espírito do Capitalismo” que baseia essa crise, principalmente segundo Boltanski e Chiapello, e como o capitalismo atua nesse processo.

Considerando a França como plano central de análise, os(as) autores(as) trabalham com o “Novo Espírito do Capitalismo” sustentado sob 3 pilares:

(...) progresso material, eficácia e eficiência na satisfação das necessidades, modo de organização social favorável ao exercício das liberdades econômicas e compatível com regimes políticos liberais (Boltanski e Chiapello, 2009, p.45-46).

Dentro dessa instrução, a principal marca do capitalismo, junto a um caráter abstrato e teoricamente pacífico, é de aumentar o capital e reinvesti-lo, gerando acumulação de lucro (Boltanski e Chiapello, 2009, p.34). No entanto, a partir de argumentos marxistas e weberianos sobre o trabalho assalariado e do aspecto moral do capital em circulação, Boltanski e Chiapello (2009, p.58) afirmam que estamos vivendo uma fase de formação do terceiro espírito do capitalismo.

Isso quer dizer que apesar dessa nova fase seguir sim a ordem da busca pelo lucro e pelo aumento do excedente, como no geral o capitalismo é retratado, há também uma nova configuração ideológica instaurada (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 36; p.58). Nessa visão, “(...) o espírito do capitalismo é justamente o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem (...)” (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 36).

A partir disso, conseguimos identificar aspectos dessa crise no que entendemos como sociedade neoliberal. Isso porque, como aponta Brown (2015, p.17), o neoliberalismo é uma forma de razão que configura todos os aspectos de existência em termos econômicos, desestabilizando elementos básicos da

democracia, tais como vocabulários, princípios de justiça, hábitos de cidadania e imaginários democráticos.

Além disso, se trouxermos a discussão para o patamar dos afetos, identificamos em outro setor formas neoliberais de dominação, controle e violência em que as relações humanas não são mais definidas apenas em termos de mercado. Para Safatle (2014, p.17), a sociedade ocidental hoje é constituída por um circuito de afetos responsáveis por substituírem leis e normas. Vivemos um período neoliberal em que há produção de afetos que nos dão possibilidades de vida em detrimento de outras.

Nesse âmbito, com o efeito na psique humana, nos tornamos corpos essenciais para o capitalismo, pois, apesar de não possuímos mais qualidade narrativa, ainda sabemos contar (Safatle, 2014, p.195). Em outras palavras, estranhos às nossas próprias relações, ainda somos capazes de trabalhar para comprar aquilo que foi nos vendido como essencial para a experiência de uma determinada qualidade de vida, seja no âmbito material quanto no emocional.

O autor assinala, com isso, como os afetos que guiam a ordem são os mesmos definidos pela burguesia. (Safatle, 2014, p. 233). Isso quer dizer que temos desejos, vontades, expectativas desenvolvidas por aqueles(as) que definem a lógica social dominante.

Com essa exposição de uma crise na qual vivemos com teor também ideológico, conseguimos prosseguir com a conversa acerca do saudosismo de um passado, ou de uma coletividade desmantelada, exemplificada no filme *Aquarius*. Uma pista que justifica esse sentimento pode ser a promessa que a estrutura liberal fez, e de certa forma cumpriu para alguns(as), no Estado de Bem-Estar Social na

Europa e nos EUA, mantendo um padrão de vida individual, mas com uma certa sonoridade coletiva.

Historicamente, afirmam Boltanski e Chiapello (2009, p. 49), o espírito do capitalismo prometeu autonomia, proteção e bem-estar. Nessa lógica, sob fundamento utilitarista, o capitalismo passou a funcionar como uma nova forma aparentemente pacífica de convivência, onde a realização de interesses e desejos individuais abafam angústias e infelicidades cotidianas com a finalidade de tornar o mundo durável (Boltanski e Chiapello, 2009, p.42; p.44).

Esse imenso trabalho social realizado para instaurar o progresso material individual como um - se não o - critério do bem-estar social permitiu que o capitalismo conquistasse uma legitimidade sem precedentes, pois assim se tomavam legítimos ao mesmo tempo seus propósitos e seus móveis (Boltanski e Chiapello, 2009, p.44).

Todavia, por instância, “(...) hoje, as garantias conferidas pelos diplomas superiores diminuíram, as aposentadorias estão ameaçadas e as carreiras já não são asseguradas” (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 51). Isso pode significar que, de acordo com os(as) autores(as), as pessoas trabalham e se submetem às normas do trabalho assalariado, mas muitas vezes sua remuneração não é suficiente para ter um plano de saúde privado considerado de qualidade e de ter acesso à uma educação também de qualidade. Consequentemente, muitas angústias podem surgir não apenas nas pessoas que já não se beneficiavam diretamente com essa acumulação de riqueza, mas também naqueles(as) que costumavam ser os(as) beneficiários(as) primários(as) do lucro, como os(as) executivos(as) e seus(as) filhos(as) (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 51).

Uma outra forma de exemplificar essa conjuntura é olhar para a ascensão do conservadorismo, ou do populismo reacionário (Fraser, 2017), no século XXI,

representado normalmente pelo *Brexit* e pela eleição de Donald Trump como presidente dos EUA. Isso porque uma justificativa comum aos dois fenômenos constantemente tem sido a insatisfação trabalhista da classe média, e muitas vezes também da classe baixa, branca<sup>5</sup>.

Segundo Nancy Fraser (2017), as pessoas que vinham se sentindo prejudicadas pelo o que ela chama de neoliberalismo progressista enxergaram um sistema que rompeu com as condições de vida preservadas por pelo menos 30 anos. Nos EUA, a autora entende essa vertente neoliberal como uma aliança, desenvolvida no final do século XX no governo de Bill Clinton, entre movimentos sociais *mainstream*, como feminismo, anti-racismo e direitos LGBTQIA+, e setores de negócio baseados em serviços, como *Hollywood* e *Wall Street* (Fraser, 2017).

Fraser (2017) enxerga isso como uma ideia liberal e individualista de progresso baseada em ideais truncados de emancipação e na financeirização de pautas sociais. A estratégia de Clinton, entretanto, afetou a classe trabalhadora, principalmente a industrial, por fomentar a desregulação do mercado e, conseqüentemente, acelerar a “desindustrialização” (Fraser, 2017). Isso acarretou diversos efeitos, tais como o declínio de salários, o aumento de trabalho precário e o desemprego para uma classe que passou a se sentir abandonada e que culpa, por exemplo, a abertura das fronteiras para imigrantes, sejam esses(as) refugiados(as) ou não.

---

<sup>5</sup> Esse não parece ser o caso da personagem de Sônia Braga. Clara não está desempregada; ao contrário, tem uma carreira de sucesso. Possui comportamentos e desejos de uma classe média branca, até certo ponto, progressista – vide resistência a tudo que representa as construtoras. O exemplo do *Brexit* e Donald Trump é usado para ilustrar que o saudosismo de Clara pode ser traduzido também de outra forma por pessoas dentro da mesma classe social, econômica e racial que a dela, ou de fora.

Em *Aquarius*, a Recife de Clara pode ser interpretada como uma “(...) velha cidade colonial que vai rapidamente desaparecendo sem passar por uma modernização inclusiva e qualificada” (Soares, 2017, p. 124). Todavia, a desigualdade social não é o tema central do filme, apesar de gentrificação e alteração no espaço urbano está diretamente relacionado com o deslocamento de uma população para as favelas e outras regiões periféricas do país.

A personagem de Zoraide Coletto, Ladjane, que vive em Brasília Teimosa, bairro considerado pobre e vulnerável, não comanda obviamente o roteiro do longa. Há apenas uma cena comum de contraste entre edifícios de luxo com a casa de Ladjane. Esse momento é resumido por Clara ao caminhar pela praia em direção à festa de aniversário de sua funcionária, que homenageia o filho morto pela polícia, explicando ao seu sobrinho, à namorada do menino e ao público, as demarcações entre ricos(as) e pobres na área onde vive.

Dito isso, de acordo com Azerêdo (2020), nos filmes de Kleber Mendonça Filho, nos quais a transformação do espaço urbano é a base do seu enredo<sup>6</sup>, “(...) a solução mais comum para enfrentar a violência, a discriminação e a segregação dão-se sempre por meio de uma saída individual (...)” e, no caso de *Aquarius*, “(...) Clara, em nenhum momento, associa o problema do seu apartamento ao problema imobiliário da cidade.” (Azerêdo, 2020).

E nesse cenário, cabe-nos observar que o saudosismo de Clara é defendido por uma resistência individual facilitada por privilégios<sup>7</sup> que estruturalmente Ladjane não teria caso decidisse fazer o mesmo. Além do mais, o andamento do roteiro possivelmente seria outro, a começar pela a ideia de preservação do

---

<sup>6</sup> “Recife Frio” (2009) e “O Som ao Redor” (2012) são outros exemplos.

<sup>7</sup> Enfrentar construtores, mesmo recebendo ameaças, juridicamente protegida e sem ser removida grotescamente do seu apartamento é um exemplo.

passado que aos olhos de Ludjane não necessariamente se remeteria a um cenário coletivo menos problemático.

Para isso, caberia uma investigação não apenas nas mudanças dos tipos de edifícios construídos temporalmente na orla de Boa Viagem, mas na análise sobre a movimentação da família de Ludjane devido à especulação imobiliária e aos temas sensíveis a essa realidade, como a desigualdade social e as relações de dominação presentes no trabalho doméstico no Brasil, por exemplo.

Com esse olhar, seria possível usar o filme para trabalhar com outra ideia de coletivo transformado contemporaneamente pelo capitalismo que mesmo antes, no Estado de Bem-Estar Social, não era menos violento para muitos(as). Fraser (2017) aponta, por exemplo, que no caso da ascensão atual do populismo reacionário, os movimentos politicamente associados à esquerda possuem um grande desafio para considerar passados menos saudosos: evoluir com a pauta de trabalho desassociada à noção do neoliberalismo progressista, unindo forças para uma emancipação de minorias contra a financeirização. Esse movimento é importante para que o olhar se volte às opressões históricas, e não inéditas, vividas por camadas marginalizadas em diversos âmbitos.

Na próxima seção trabalharei com essa noção, de que saudosismos como o de Clara não considera outras comunidades que já não se beneficiavam no mesmo passado que o dela. Dessa vez utilizarei o filme *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, para enxergar temas que *Aquarius* não abordou.



### 3. Reconstrução comunitária em *Bacurau*: individualismo como característica anti-coletivista insuficiente

*“(...)Tanta vida pra viver, Tanta vida a se acabar, Com tanto pra se fazer, Com tanto pra se salvar”<sup>8</sup>*

*(Geraldo Vandré)*

Nomeando no filme um povoado do Nordeste brasileiro, *Bacurau* também é nome de pássaro. A espécie possui hábitos noturnos em lugares preferencialmente quentes; assusta-se fácil e protege-se rapidamente; conta com asas longas e pernas curtas; e é conhecida por fazer ninho no chão (Portal dos Animais, 2017). Na distopia de Kleber Mendonça e Juliano Dornelles, as pessoas de *Bacurau* se comportam mais ou menos como a ave: consideram qualquer visita desconhecida uma ameaça; estruturam-se de forma ampla e organizada mesmo morando em um povoado geográfico e demograficamente pequeno; e enxergam na terra um lugar essencial para construir e preservar histórias.

Essas ações são retratadas no longa como estratégicas para a sobrevivência coletiva. Diante de um cenário público de abandono, anti-democrático e corrupto, representado pelo prefeito Tony Jr., personagem de Thanderlly Lima, a união da população de *Bacurau* é essencial para autogarantir bens públicos básicos, como educação, alimentação, saúde, moradia e cultura.

E justamente por já precisarem se proteger contra o seu próprio país, essas pessoas se mostram, na medida do possível, prontas e dispostas para enfrentar vilões internacionais que, com alta tecnologia, espionam, apagam do mapa e buscam exterminar toda *Bacurau* com o intuito de ocupá-la. Esses(as) inimigos(as),

---

<sup>8</sup> O trecho é da música “*Réquiem para Matraga*” (1979) presente na trilha sonora do filme *Bacurau*.

sobretudo vindos(as) dos EUA, possuem aval do poder público local para perseguir, matar e ocupar.

Visto isso, uma interpretação possível sobre o filme é que, em breve, comunidades negligenciadas precisarão ter uma população unida, disposta a pegar em armas, para sobreviver diante de perigos internos e externos fomentados pelo desenrolar violento do individualismo neoliberal e, conseqüentemente, anti-coletivista. No entanto, para além disso, *Bacurau* pode também nos ajudar a observar duas questões: i) apesar de unido, temos um povoado formado por coletividades heterogêneas que se reconstróem por já terem suas vidas ameaçadas historicamente; e ii) o individualismo não consegue ser suficiente para explicar a oposição de uma estrutura neoliberal aos coletivos representados no filme.

É importante salientar que essas questões, contudo, estão interligadas. Isso porque, por exemplo, se analisamos o racismo estrutural – retratado no filme – contra uma comunidade específica como uma relação histórica de dominação, já identificamos que o problema não é fruto apenas de comportamentos individualistas exacerbados.

Para nos assegurar dessa afirmação e desse tema, Shilliam (2017) traz uma reflexão um pouco além daquela feita por Fraser na seção acima. Entendendo também o contexto britânico, o autor demonstra que a xenofobia, o racismo e a reivindicação de pessoas brancas e pobres no país, especialmente em relação à trabalho, é também consequência de um processo histórico de racialização da pobreza. Segundo ele, o país, com ligação direta à escravidão e ao imperialismo, trouxe à tona uma forte classe trabalhadora branca formada por pobres

considerados(as) dignos(as), ao mesmo tempo que definiu os(as) indignos(as) de políticas de seguridade social e qualidade básica de vida (Shilliam, 2017).

Shilliam (2017) entende que desde a escravidão, o Império Britânico deixou claro que pobreza tinha cor de pele, a preta. No entanto, ao longo da história inglesa, especialmente a partir da urbanização quando sobretudo pessoas pretas e asiáticas migravam das colônias britânicas para as grandes cidades do Reino Unido à procura de trabalho e de condições mínimas de existência, a pobreza foi sendo diferenciada racialmente, colocando, na prática, e não no discurso, pessoas pobres mais dignas do que outras (Shilliam, 2017).

No Governo de Margaret Thatcher, na década de 1980, essa diferenciação foi elevada a outro patamar. Traçando uma vertente econômica neoliberal que repercutiria em boa parte dos países do Ocidente, inclusive no Brasil, as políticas conservadoras e austeras de Thatcher fizeram com que não-britânicos(as), principalmente pobres que vivem no país, fossem vistos como ameaça nacional (Shilliam, 2017, p.107).

Isso porque o neoliberalismo da então primeira ministra britânica racializou a divisão do trabalho, acirrando fortemente uma indignação branca. Apoiada por elites políticas, essa classe criticou o governo por não priorizar políticas trabalhistas de cunho social após o processo de desindustrialização que os(as) favorecessem (Shilliam, 2017, p.17). Shilliam (2017) argumenta que como não houve o desenvolvimento de políticas sociais no Reino Unido que priorizasse a questão nacional da pobreza e do trabalho em si, essa classe branca se voltou contra às discussões sobre a integração migratória, aos valores multiculturais e às legislações antidiscriminatórias (Shilliam, 2017, p.109).

Imaginamos que em *Bacurau*, o Brasil representado na distopia chegou em uma situação caótica por ter passado anteriormente por uma onda descontrolada e crescente de retrocesso social. Em paralelo ao Shilliam, não sabemos se em algum lugar próximo àquele povoado, uma classe trabalhadora branca e pobre se sente abandonada ao ponto de afirmar o retrocesso e de se sentir ameaçada por pessoas pretas e imigrantes também pobres.

No entanto, o que também chama atenção é que em *Bacurau* a auto-organização coletiva de uma população, em maioria não-branca, pode ser entendida também como uma necessidade causada pela racialização da desigualdade social no país que possui, entre outras coisas, relação com um histórico de violência e submissão colonial. E em termos de colonização, nada mais claro no filme do que a relação de dominação e de poder, de cima para baixo, entre os chamados centro e periferia global.

Para entender essa relação, podemos optar por olhar rapidamente para uma discussão sobre biopoder<sup>9</sup> e desenvolvimento apresentada por Cocco e Cava (2018). Baseados(as) em premissas *foucaultianas*, os(as) autores(as) argumentam que “(...) no Sul, desde a colonização, o poder sempre foi biopolítico” (Cocco & Cava, 2018, p. 48).

Isso quer dizer que estruturas de dominação, como o racismo e o patriarcado, por exemplo, descendentes da colonização portuguesa no Brasil, ou espanhola no resto da América Latina, configuraram-se como algo que existe e é violento, mas é sobretudo subjetivo. Consequentemente isso as torna mais difícil de

---

<sup>9</sup> “(...) um conjunto articulado de práticas de poder, complexos de fatos e saberes emaranhados, em suma, uma governamentalidade” (Cocco & Cava, 2018, p. 52).

ser combatida, a não ser que uma alternativa seja proposta e de fato implementada (Cocco & Cava, 2018).

Nessa lógica, entendido também como um fenômeno de dominação e poder, Cocco & Cava (2018, p.51) afirmam que o capitalismo evoluiu não de forma expansiva e homogênea vindo da Europa, como geralmente é descrito. Trata-se de uma evolução mais complexa interligada à herança colonial e com consequências particulares para cada lugar onde opera.

Em termos de desenvolvimento e de subdesenvolvimento, no qual o Brasil e a América Latina no geral são colocados, os (as) autores(as) trazem à tona uma tentativa frustrada de alternativa aos moldes padrões de progresso e modernidade ocidentais. Esse exemplo é a atuação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, a CEPAL.

Apesar desse bloco ter se baseado na soberania nacional e na democracia, ele também reproduziu, em suas condições, questões estruturais problemáticas para o Brasil, como o não questionamento sobre a burguesia brasileira e a não reflexão sobre propostas que visassem a desarticulação do racismo (Cocco & Cava, 2018, p. 59). Com isso, as pessoas pobres do Sul, por exemplo, acabaram sendo objeto dessa suposta alternativa ao invés de protagonistas (Cocco & Cava, 2018, p. 5).

No longa, como já dito, os(as) estrangeiros(as) norte-americanos(as) são personagens importantes que chegam para exterminar, mas acabam ativando o potencial extremo do coletivo em *Bacurau*. Antes de um embate final, há uma construção do olhar de superioridade e de progresso que subestima a resistência da população protagonista considerada inferior e arcaica.

Há uma cena que, talvez, represente melhor o tema de colonização brasileira passada, presente e distópica. Dois(as) invasores(as) brancos(as) e estrangeiros(as) tentam colocar fogo em uma casa com teto de palha, como se fosse uma *oca*. De dentro da moradia, saem dois(as) habitantes, personagens de Ingrid Trigueiro e Carlos Francisco, nus e com armas na mão. Rapidamente, somos levados(as) a comparar o movimento com o extermínio indígena pelo colonizador de ontem e de hoje.

À vista disso, tentamos investigar aqui que o individualismo exacerbado não consegue ser suficiente para justificar os ataques sofridas pelo coletivo. Primeiro porque é difícil falarmos de coletivo como algo único; como se houvesse uma comunidade geral no mundo que se prejudicou da mesma forma com o advento individualista do neoliberalismo. Segundo porque essa concepção ajuda a apagar o aspecto excludente de comunidades que o Estado de bem-estar social e a sociedade neoliberal propuseram. E terceiro porque vimos, através de *Bacurau*, que o racismo estrutural, a desigualdade social e a colonização se interligam para nos evidenciar que existem questões estruturais mais complexas para a coletividade do que o individualismo.

#### **4. Considerações Finais**

Como visto na primeira seção, o individualismo notado em *Aquarius* através das grandes empresas imobiliárias ajudou a justificar a resistência da personagem Clara e a saudação que ela afirma a um passado mais, na visão dela, harmônico. Todavia, como contraponto, a segunda seção enxerga em *Bacurau* que não há nada que deixe claro que a vida daqueles(as) personagens, ou de seus(as) antecessores(as), foi mais fácil em algum momento.

Esse movimento tentou observar que no passado coletivo de Clara, há comunidades que não se beneficiaram de um bem-estar vivido por ela e as razões disso, como mostrado, vão muito além de um individualismo exacerbado de uma sociedade neoliberal ou de um Estado de bem-estar social.

Para esse fim, este trabalho se beneficiou de duas grandes produções estéticas. Isso pois teve a finalidade de mostrar que a cultura, além de entreter, pode também contribuir de análises profundas sobre inúmeras realidades representadas ou esquecidas ali com paralelo direto às comunidades às quais pertencemos ou não.

Ademais, gostaria de descrever rapidamente algumas curiosidades ao redor da produção e lançamento de *Bacurau*. O filme foi em sua maioria filmado no povoado chamado Barra, na cidade de Parelhas - Rio Grande do Norte - e contou com a participação dos próprios(as) moradores(as), e de suas casas, para serem figurantes das gravações, gerando cerca de 800 empregos diretos e indiretos para o povoado. Além disso, com a presença da direção e de quase todo o elenco, Barra foi escolhido como o primeiro lugar no Brasil a exibir o filme (Agência Pública, 2019).

Sendo responsável também por contar com atores e atrizes paraibanos no seu elenco principal, incluindo uma atriz negra e trans, Danny Barbosa (G1, 2020), *Bacurau* marca um momento para o cinema brasileiro onde um filme atual, fora do âmbito *mainstream* e abordando temáticas críticas para o Brasil, teve sucesso de bilheteria; contou com grande reconhecimento internacional; e buscou, no seu processo de desenvolvimento, envolver ativamente pessoas e lugares que o filme busca representar.

Como transmite no seu roteiro, *Bacurau* conta com comunidades heterogêneas que se reconstróem para sobreviver. E é importante perceber que essa reconstrução não é apenas fictícia e que as mesmas comunidades seguem tentando cada vez mais ocupar espaços para não só apenas combater um inimigo subjetivo e não materializado, nos termos de Cocco e Cava (2018), mas para oferecer uma maneira alternativa, também nos termos dos(as) autores(as) (2018), ao racismo, à desigualdade, ao patriarcado, à transfobia, entre outras inúmeras violências anti-coletivistas.

Todavia, ainda sim, isso não quer dizer que *Bacurau* é o melhor exemplo que temos no audiovisual cinematográfico do Brasil no quesito representatividade. É igualmente necessário que populações, ou comunidades, minoritárias possam, além de atuar, também produzir, roteirizar e dirigir suas próprias histórias para que tenham, continuamente, um dia o alcance que *Bacurau* e *Aquarius* tiveram.

Para termos acessos a conteúdos desse tipo, encerro com a sugestão de três projetos: o [Afro Flix](#), o [Vídeo nas Aldeias](#) e o [LGBTFLIX](#). Os três são sites disponíveis com conteúdos feitos por, ou que contam histórias de, comunidades específicas, nesse caso, preta, indígena e LGBTIA+. Projetos como esses andam surgindo com mais frequência e isso pode ser uma grande oportunidade para que continuamos utilizando a estética artística e cultural para análises sobre o mundo, porém na tentativa de incluir produções cada vez mais representativas.

## **Bibliografia**

AGÊNCIA PÚBLICA. **A gente hoje está no mapa**: como o povoado Barra, no sertão nordestino, se ressignificou a partir de *Bacurau*, filme vencedor de Cannes



que foi rodado ali. 28 ago 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/08/agente-hoje-esta-no-mapa/>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Cacá Diegues, Michel Merkt, Walter Salles, Emilie Lesclaux, Said Ben Said. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2016. (146 min).

AZERÊDO, G. Kleber Mendonça e a ciranda de todos nós. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 47, n. 53, p. 265-277, 4 maio 2020.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Kateryna Merkt, Michel Merkt, Olivier Père e Said Bem Said. Roteiro: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019. (132 min).

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do Capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BROWN, Wendy. Undoing Democracy: Neoliberalism's Remaking of State and Subject. In: BROWN, Wendy. **Undoing the Demons: Neoliberalism's Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015. p. 17 – 46.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei nº 4787, de 4 de março de 2009. Modifica a Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, que regulamenta a profissão de empregado doméstico, com a finalidade de substituir a denominação empregado doméstico para funcionário do lar. **PL 4787/2009**, São Paulo, 4 mar. 2009.

COCCO, Giuseppe; Cava, Bruno. A Biopolítica do Desenvolvimento no Brasil. **Enigma do Disforme: Neoliberalismo e Biopoder no Brasil Global**. Rio de Janeiro: Mauad, 2018. P. 43 – 74.

COSTA, Luciana. Empregado doméstico poderá ser chamado de funcionário do lar.

**Agência Câmara de Notícias.** Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/noticias/129455-empregado-domestico-podera-ser-chamado-de-funcionario-do-lar/>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Aquarius já é a maior bilheteria da história do cinema pernambucano.** 21 set. 2016. Disponível:

<<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/09/aquarius-ja-e-a-maior-bilheteria-da-historia-do-cinema-pernambucano.html>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

EL PAÍS. **‘Pequeno segredo’ vence ‘Aquarius’ e vai representar Brasil no**

**Oscar.** Justiça ou retaliação? 13 set. 2016. Disponível: <

[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/12/cultura/1473705629\\_776710.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/12/cultura/1473705629_776710.html)>.

Acesso em: 25 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **‘Aquarius’, de Kleber Mendonça, entra no páreo do Oscar francês.**

25 jan. 2017. Disponível: <

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/cultura/1485354695\\_393071.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/cultura/1485354695_393071.html)>.

Acesso em: 25 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **‘Bacurau’, a distopia brasileira contra o Governo de Bolsonaro.** 16

mai. 2019. Disponível:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/16/cultura/1558003152\\_749841.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/16/cultura/1558003152_749841.html)>.

Acesso em: 25 jun. 2020.

FRASER, Nancy. The End of Progressive Neoliberalism. **Dissent Magazine.** 02

jan. 2017. Disponível:

<[https://www.dissentmagazine.org/online\\_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser](https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser)>. Acesso em 30 mai. 2020.

**G1. Trans, negra e nordestina:** atriz paraibana que atuou em 'Bacurau' fala sobre transição de gênero. 30 jan. 2020. Disponível: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/01/30/trans-negra-e-nordestina-atriz-paraibana-que-atuou-em-bacurau-fala-sobre-transicao-de-genero.ghtml>>.

Acesso em 20 jun. 2020.

GONÇALVES, Marco Antonio. Doméstica: Uma Etnografia Indiscreta. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 2, 10 jun. 2015. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752015000200599](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752015000200599)>. Acesso em: 21 jun. 2020.

>**Festival de Cannes**. 25 mai. 2019. Disponível: <[encurtador.com.br/fAGIK](http://encurtador.com.br/fAGIK)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

O GLOBO. '**Bacurau**' chega a 500 mil espectadores. 26 set. 2019. Disponível: <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/bacurau-chega-500-mil-espectadores.html>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PORTAL DOS ANIMAIS. **Bacurau, o Pássaro Noturno**. 05 set. 2017. Disponível em: <<https://www.portaldosanimais.com.br/informacoes/bacurau-o-passaro-noturno/>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Naify, 2015.

SHILLIAM, Robert. **Race and The Undeserving Poor**. 1. ed. Reino Unido: Agenda Publishing, 2018. 209 p.

SOARES, Sérgio Ricardo. Aquarius e a luta pelo direito à saúde. **Cinema em Português: X Jornadas**. Covilhã, p. 119 – 133, 2017.

STEELE, Brent J. Recognising, and Realising, the Promise of The Aesthetic Turn.

EUA: **Millennium**, Journal of International Studies, v. 45, p. 206 – 213, 2017.